



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Relação da qualidade da vinculação a figuras
significativas na perceção de qualidade de vida de
crianças entre os 10 e 12 anos**

Lúcia Marina Henriques Correia
(e-mail: luciacorreia91@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento
e Aconselhamento sob orientação da Professora Doutora Teresa de
Sousa Machado.

Resumo- Relação da qualidade da vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

A relação de vinculação, geneticamente determinada, vai sendo progressivamente construída e modelada pelo meio envolvente. Ao longo da vida cada sujeito percebe novas formas e figuras de vinculação através dos diferentes contextos em que se vai inserindo.

Na idade escolar, apesar de se manterem os laços com as figuras parentais, são criadas novas relações de vinculação que contribuem para a criação de novos vínculos afetivos.

A presente dissertação visa a tradução e validação do PIML (Escala de Avaliação da Vinculação aos Pais, Pares e Professores), assim como o estudo da relação entre essa mesma escala e a qualidade de vida percebida por crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos de idade. O estudo apresentado envolveu 334 crianças do ensino Público e Privado/cooperativo de várias regiões do país. Com o presente trabalho foi possível verificar a fiabilidade e validade desta adaptação tornando-a assim mais um instrumento de avaliação da percepção de vinculação.

Palavras-chave: Vinculação, qualidade de vida, crianças, PIML, tradução.

Abstract- Relationship of quality of attachment to significant figures in the perception of quality of life of children between 10 and 12 years

The attachment relationship, genetically determined, is progressively built and shaped by the environment. Lifelong each subject have a perception of new forms and figures of attachment across the different contexts in which they will entering.

At school age, despite remaining ties with parental figures, new attachment relationships are created, that contribute to the creation of new emotional bonds.

This dissertation aims to translate and validate PIML (Attachment Rating Scale to Parents, Peers and Teachers), as well as the study of the relationship between that scale and the perception of the quality of life for children between 10 and 12 years old. The study was involved 334 children of the Public and Private / Cooperative school of various regions of the Country. With the present work was possible to verify the reliability and validity of this adaptation, making it one more escale for evaluate the perception of attachment.

Keywords: Attachement, quality of life, childrens, PIML, translation.

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Lúcia Correia (e-mail: luciacorreia91@hotmail.com) 2014

Agradecimentos:

À Professora Doutora Teresa de Sousa Machado, orientadora deste trabalho, pela disponibilidade, colaboração, apoio e incentivo ao longo de todo este processo.

A todos os professores e alunos que disponibilizaram um tempo das suas aulas para a recolha da amostra utilizada e pela forma atenciosa e preocupada com que me receberam. Um obrigado muito especial à Diretora, Ir. Maria da Glória e a todo o Colégio da Rainha Santa Isabel, que colaboraram e participaram na concretização deste projeto, aos pais e crianças da freguesia de Junqueira pela colaboração e disponibilidade demonstradas, aos pais e crianças do Centro Social de Brito pela participação no projeto.

À minha colega, Mafalda, pelo companheirismo, pela partilha de dúvidas e conhecimentos, pela honestidade e auxílio.

A todos os meus amigos, que direta ou indiretamente influenciaram todo o meu percurso de vida e que mais uma vez, prestaram o seu contributo, auxiliando preciosamente neste estudo. Muito obrigada por toda a amizade e carinho que são uma constante no nosso caminho.

Ao Sérgio pela paciência e ajuda prestada neste trabalho e por acreditares sempre que seria possível. Obrigada pela sinceridade, dedicação, apoio e companheirismo.

À minha família por todo o apoio, esperança depositada e palavras de carinho.

A todos eles um grande Obrigada.

Índice

Introdução	2
Enquadramento conceptual.....	3
1- Teoria da vinculação.....	3
1.1- Relação com as figuras de vinculação ao longo da infância e adolescência	9
2- Qualidade de vida.....	11
Objetivos	13
Hipóteses de Investigação.....	14
Metodologia	15
Participantes.....	15
Instrumentos	15
Procedimentos	16
Resultados	17
Discussão	29
Conclusões.....	32
Anexos	37

Introdução

Definida como a necessidade humana universal dos indivíduos desenvolverem ligações afetivas de proximidade ao longo da vida, com o objetivo de atingirem segurança, que lhes permita explorar o self, os outros e o mundo com confiança. (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991) a relação de vinculação permite, desde o início da vida, a criação de uma relação de proximidade com o cuidador, que se constrói de forma progressiva e com influência do meio envolvente.

Segundo a teoria da vinculação é através desta relação com o cuidador que o bebé adquire a noção de afeto e proteção. A procura de proximidade, a noção de base de segurança, a necessidade de retorno à fonte de segurança quando o indivíduo se sente ameaçado e as reações de prazer na relação e angústia perante a separação (involuntária ou forçada), são características que distinguem as relações de vinculação de outro tipo de relações (Ainsworth, 1989). Estudos realizados no contexto da Teoria da Vinculação demonstram que a influência das primeiras relações afetivas assume grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo ao longo do seu ciclo de vida. Dessa forma a importância e influência dos vínculos precoces no desenvolvimento do indivíduo, não só na infância mas ao longo de toda a vida levou ao desenvolvimento de instrumentos de avaliação da vinculação para todas as etapas de vida dos indivíduos. No entanto a escassez de instrumentos existentes para crianças em idade escolar e aferidos para o nosso país foi um dos principais motivos que levou à realização desta dissertação, a tradução e adaptação do PIML. O PIML (Cook, Greenberg, & Kusche, 1995) trata-se de uma medida de autorrelato que procura avaliar as perceções de crianças com idades entre os 10 e os 12 anos sobre as suas relações com pais, pares, professores.

Um outro fator em análise nesta dissertação é a perceção da qualidade de vida, avaliada através do KIDSCREEN-10© (The KIDSCREEN Group Europe, 2006; Ravens- Sieberer et al., 2001 cit in Matos, Gaspar, & Simões, 2012). O conceito qualidade de vida envolve dimensões como o bem-estar, a felicidade, a autoestima e as expectativas do indivíduo. Dessa forma, dado que a relação de vinculação propícia algumas destas dimensões, levantou-se a possibilidade da qualidade da vinculação possibilitar uma maior perceção da qualidade de vida.

É neste contexto que se integra a presente dissertação, a qual está dividida em duas partes.

A primeira parte é de natureza teórica, ao longo da qual se pretende fazer uma revisão da literatura na área da vinculação e da qualidade de vida.

A segunda parte, de natureza empírica, apresenta os estudos psicométricos de adaptação e validação das escalas de avaliação da vinculação aos pais, pares e professores e alguns estudos estatísticos complementares que pretenderam analisar a relação existente entre a vinculação e a percepção da qualidade de vida.

Enquadramento conceptual

1- Teoria da vinculação

A teoria da vinculação afirma-se no início do séc. XX, de certa forma como reação às observações das respostas comportamentais de crianças forçadas a separações bruscas dos cuidadores, em situações de guerra e das carências precoces (Guedeney, 2004). Nesta época vários autores, como Harlow, Spitz, Robertson ou Winnicott, divulgam observações que constituem suporte empírico que confirma a ideia da necessidade da construção da relação significativa desde o início da vida (Machado, 2009). “As respostas iniciais de amor, nos seres humanos, são as do bebé para com a mãe, ou mãe substituta. A partir desta íntima vinculação formar-se-ão, por aprendizagem e generalização, múltiplas respostas afetivas” (Harlow, 1958 cit. por Machado, 2009, p.2)

No desenvolvimento desta teoria sobressai, por volta dos anos 30, John Bowlby, médico especialista em psiquiatria e psicoterapia infantil, na sequência do interesse deste autor pela ligação entre a privação ou a perda da mãe e o posterior desenvolvimento do indivíduo (Figueiredo, 2009). Ao longo dos seus trabalhos, histórias reais levam-no progressivamente a questionar um dos fundamentos da sua formação psicanalítica, que defendiam o papel primordial da satisfação das necessidades alimentares no bem-estar psicológico das crianças (Machado, 2009). A teoria psicanalítica postulava que a satisfação das necessidades alimentares da criança permitia que o bebé estabelecesse laços afetivos com a mãe sendo esse o motivo básico que mobiliza a criança a procurar a sua mãe (Castro, 2009).

Bowlby salienta vários estudos (Burlingham & Freud, 1942, 1944; Heinicke, 1956; Provence & Lipton, 1962; Robertson, 1953, 1962; Schaffer, 1958; Spitz, 1946 cit in Soares, 2007) que evidenciaram crianças que em situação de privação materna apresentavam sinais de perturbação psicológica (eg.), apesar de satisfeitas as suas necessidades alimentares. (Soares, 2007).

Com objetivo de compreender as possíveis influências adversas, no desenvolvimento da personalidade, da falta de cuidados maternos adequados durante os primeiros anos de vida, Bowlby e seus colaboradores realizaram observações acerca dos efeitos da privação de cuidados maternos no desenvolvimento de crianças institucionalizadas (Castro, 2009).

Segundo Bowlby, desde o nascimento que o bebê necessita de desenvolver uma relação de vinculação, habitualmente com a mãe ou com uma figura substituta. Este comportamento de vinculação é determinado biologicamente (sistema inato de comportamentos de aproximação do bebê às figuras cuidadoras) e tem o objetivo de assegurar a proximidade ao cuidador. Esta proximidade irá garantir a proteção face a situações de ameaça e funcionará como a base segura para a redução da ansiedade e para a exploração do ambiente (Bowlby 1981, 1984, 1999). A relação de vinculação constrói-se progressivamente. O esquema geneticamente programado é modelado pelo meio social. É portanto bastante mais complexo e menos imediato do que o comportamento de imprinting dos etologistas (Guedeney, 2004). A criança dirige-se de forma preferencial a figuras discriminadas em busca de sustento de conforto, de apoio e de proteção ao mesmo tempo que surge a angústia perante o estranho e o protesto em caso de separação (Guedeney, 2004). Fazendo uma análise da literatura é possível afirmar que a relação de vinculação se afirma como característica essencial à criação de sentimentos de segurança e afeto, que permitem por sua vez, a exploração do meio e o desenvolvimento da criança.

Segundo Bowlby ao nascerem, os bebês apresentam competências de comunicação que se manifestam através das suas expressões emocionais e dos seus comportamentos (Castro, 2009). Respostas instintivas como chupar, agarrar e seguir, e comportamentos de sinalização como sorrir e chorar, que se vão organizando e orientando em relação à mãe, têm a função de conseguir ou manter uma determinada proximidade com a figura de vinculação (Castro, 2009). Esses comportamentos permitem à criança comunicar com a figura de vinculação mantendo a proximidade entre ambas.

Neste âmbito, a vinculação constitui uma tendência inata e biologicamente determinada para os seres humanos criarem precocemente laços afetivos fortes com as figuras parentais (Figueiredo, 2009). Adicionalmente Zinsmeister (1998, cit. por Canavaro, 1999), defende que as relações dos primeiros anos de vida entre as crianças e os pais são a pedra de toque sobre a qual assenta o desenvolvimento de personalidade posterior. Como psicoterapeuta, Bowlby, verifica que a separação prolongada da criança relativamente à mãe, ocorrida durante a primeira infância, provocava vazio de afeto, frieza e distanciamento emocional, ausência de afeto na relação com o outro, comportamento social marcadamente solitário, não responsivo e

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

insensível à punição ou ao reconhecimento social positivo (Figueiredo, 2009). Desta forma é possível afirmar que a relação de vinculação torna-se imprescindível para o desenvolvimento afetivo e social da criança.

Ainda hoje a teoria continua a servir de base para a análise da influência da qualidade das relações com os pais (i.e. figuras de vinculação), enquanto variável de proteção, ou de risco, no desenvolvimento (Machado e Fonseca, 2009). Vincular-se a alguém constitui, efetivamente, um processo vital relacionado com a sobrevivência da criança e que contribui para o desenvolvimento da sua personalidade durante todo o ciclo de vida (Bowlby, 1969/1984 cit por Figueiredo, 2009). “A teoria da vinculação propõe um modelo explicativo da construção da representação de si próprio (i.e. do self), dos outros e das relações” (Machado & Fonseca, 2009), tornando-se dessa forma fulcral para a compreensão e análise dessas mesmas relações.

Para Bowlby, a evolução do sistema de vinculação produziu-se sob a pressão da evolução, numa perspetiva darwiniana. O sistema de vinculação tem uma vantagem seletiva: a proximidade das figuras adultas protetoras que ela permite manter são uteis na luta contra os perigos do meio ambiente (Guedeney, 2004). O sistema de vinculação propriamente dito tem um objetivo externo: estabelecer a proximidade física com a figura de vinculação, em função do contexto. A criança controla o seu meio ambiente imediato (monitoring): ela interpreta os indícios e, em caso de aflição e de susto, procura a proximidade com a figura de vinculação (Guedeney, 2004), ou seja, “uma relação de vinculação serviria de porto de abrigo em alturas conturbadas e como base segura para explorar o ambiente, em alturas tranquilas” (Canavarro, 1999, p.39).

Ainsworth (1989, cit. por Guedeney, 2004) definiu assim quatro características que distinguem as relações de vinculação das outras relações sociais: a procura de proximidade, a noção de base de segurança (isto é, a exploração mais livre na presença da figura de vinculação), a noção de comportamento de refúgio (isto é, retorno em direção à figura de vinculação quando o indivíduo se apercebe de uma ameaça) e finalmente as reações marcadas perante a separação (involuntária).

Se os comportamentos inatos do bebé para promover a proximidade de um cuidador são, inicialmente, dirigidos indiscriminadamente para qualquer figura, progressivamente este vai-as discriminando e elegendo a que cumpre a função de vinculação, passando a construir diferentes estratégias de ativação da relação consoante a figura (e.g. mãe/pai) a que se dirige (Machado, 2007). Os comportamentos do bebé que estão destinados a favorecer a proximidade são o comportamento de sorriso e de vocalização: são comportamentos de sinalização que informam a mãe do desejo de interação do filho (Guedeney, 2004). Se um comportamento é

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

organizado com o objetivo de promover a proximidade, então funciona como um comportamento de vinculação (Guedeney, 2004). Comportamentos de vinculação podem assim ser definidos como todos os comportamentos manifestados pela criança que promovem a proximidade e interação com a figura de vinculação.

Relativamente à noção de figura de vinculação, Guedeney, afirma que esta ultrapassa largamente a figura da mãe, ainda que, de início, por uma questão de facilidade, tenha sido reduzida a este aspeto. Uma figura de vinculação é uma figura em direção à qual a criança irá dirigir o seu comportamento de vinculação (Guedeney, 2004). É suscetível de se tornar figura de vinculação qualquer pessoa que se envolva numa interação social viva e durável com o bebé que responde facilmente aos seus sinais e às suas aproximações (Guedeney, 2004). Apesar de maioritariamente a mãe ser a referência vinculativa que todos associamos, qualquer cuidador pode assumir esse papel. A criança assume como vínculo qualquer figura que lhe proporcione proteção, sentimento de segurança e afeto de uma forma contínua e frequente.

Os elementos ativadores dos diversos comportamentos e vinculações, surgem como resposta a indícios, internos e externos. O sistema de vinculação é portanto contextual. A criança escolhe os comportamentos que lhe parecem mais úteis, num contexto específico (Sroufe e Watters, 1977). Bowlby (1969/82) assume que o sistema comportamental de vinculação é apenas um entre muitos outros que fazem parte do repertório de sistemas comportamentais da espécie humana (Castro, 2009). Estes sistemas são detentores de uma base biológica e que possuem como função a regulação do comportamento parental, contribuindo de modo comum para a sobrevivência do indivíduo e dos seus descendentes (Castro, 2009). O sistema de vinculação ostenta uma estreita ligação entre o sistema comportamental de exploração, o sistema de medo e alerta e o sistema de comportamento social (Guedeney, 2004), manifestando-se entre eles uma complexa dinâmica. Os seus elementos ativadores são todas as condições indicadoras de perigo ou geradoras de stress: fatores internos à criança, por exemplo, a fadiga, a dor, e os fatores externos, ligados ao ambiente (qualquer estímulo assustador, por exemplo, a presença de estranhos, a solidão, a ausência da figura de vinculação) (Castro, 2009). Quando a criança percebe um estímulo como sinal de perigo (e.g. estar só, a não familiaridade, a mudança rápida de estimulação) há uma ativação o sistema de medo, levando-a a procurar proximidade com a figura de vinculação, acionando o sistema de vinculação de forma a obter proximidade e contacto com a figura a quem está vinculada (Castro, 2009). Por outro lado a exploração do meio tende a ocorrer quando a acessibilidade da figura de vinculação está assegurada, com o sistema de vinculação desativado, permitindo a ativação do sistema de exploração e de interação social (Marvin & Britner, 1999). A criança assume dessa forma, perante o meio

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

envolvente, um conjunto de respostas diferentes que vão espelhar a relação de vinculação que esta percebe.

As conceções teóricas de Bowlby encontram robustez empírica nos trabalhos de Ainsworth (1967; 1977 cit. por Vieira), psicóloga canadiana que se dedicou ao estudo da qualidade das interações bebé-mãe. Os seus trabalhos de observação da interação em contexto naturalista, no Uganda (Ainsworth, 1967 cit. por Vieira, 2008) e mais tarde em Baltimore (Ainsworth, 1977 cit. por Vieira, 2008), conduziram à elaboração do procedimento laboratorial conhecido como Situação Estranha, que constitui um marco importante no desenvolvimento da Teoria da Vinculação pois torna possível a análise das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação (Vieira, 2008).

Este procedimento laboratorial standardizado era constituído por uma sequência de episódios geradores de stress para a criança: um ambiente desconhecido; presença de uma pessoa estranha e breves separações da mãe permitindo classificar os bebés de acordo com diferentes padrões de vinculação (Ainsworth et al., 1978 cit. por Guedeney, 2004).

Ainsworth et al. (1978 cit. por Castro, 2009) fazem uma distinção entre estes conceitos. Segundo estes, se a criança sente segurança pode utilizar a figura de vinculação como base segura para explorar o meio, ou seja esta vai retornar a ela e controlar o seu paradeiro enquanto explora (Castro, 2009). Ao mesmo tempo, irá inibir o sistema comportamental exploratório e procurar a proximidade com a figura de vinculação quando esta se afasta, ou quando a criança tiver percepção de perigo, procurando a figura a que se encontra vinculado como refúgio de segurança, que lhe permite acalmar-se, inibindo o sistema comportamental de exploração, permitindo proteger-se contra potenciais perigos (Castro, 2009). “A manifestação do *medo do estranho* pela criança (dos 8-9 meses) traduzirá a incipiente capacidade de representação, que permite então ao bebé manter presente, na mente, a mãe quando esta se ausenta” (Machado, 2007).

Os padrões de vinculação podem ser classificados com base em três categorias comportamentais e afetivas: procura de proximidade, procura de uma base segura e protesto com a separação (Bowlby, 1969; Cassidy, 1999), que permitem a sua classificação numa categoria de vinculação segura e em duas categorias de vinculação insegura, vinculação ansiosa/ambivalente e vinculação evitante (Castro, 2009).

Crianças com um padrão de vinculação segura, em situações geradoras de stress, expressam o seu mal-estar à figura de vinculação, que lhes proporciona conforto e serve de base segura para os comportamentos exploratórios (Carvalho, 2007). Pelo contrário, um padrão de vinculação evitante minimiza a expressão de emoções negativas na presença da figura de vinculação, a qual é percebida

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

como rejeitante ou ignorando essas mesmas emoções (Carvalho, 2007). Já as crianças com um padrão de vinculação ansioso/ambivalente maximizam a expressão de emoções negativas e a exibição de comportamentos de vinculação, de forma a chamar a atenção das figuras parentais, as quais tendem a ser percebidas como inconsistentemente responsivas, podendo permanecer de forma passiva ou com a atenção focada nos pais mesmo quando o ambiente facilita os comportamentos exploratórios. Ainsworth, et al., 1978). Estudos posteriores da teoria da vinculação conduziram à identificação de outro padrão, desorganizado/desorientado (Main & Solomon, 1990), que descreve as crianças que durante a *Situação Estranha* apresentavam um padrão de comportamentos que não se encaixava em nenhum dos padrões anteriormente descritos (Castro, 2009). Apresentavam comportamentos contraditórios (e.g., aproximação à mãe seguida de evitamento ou paralisação; ou evitamento com grandes indícios de stress), movimentos incompletos, indiretos e não dirigidos, assimétricos, dessincronizados, ou posturas de lentidão e estupefação, e indícios diretos de apreensão e desorientação/confusão na presença da figura de vinculação (Castro, 2009).

Para além das componentes comportamentais, o sistema comportamental de vinculação envolve também elementos cognitivos e emocionais, que permitem a conceptualização da existência de modelos internos dinâmicos da vinculação Bowlby (1969/1982 cit. por Castro, 2009). Estes modelos são representações mentais que sustentam num conjunto de expectativas sobre o *self*, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações entre os mesmos (Castro, 2009). É através das interações repetidas com a figura de vinculação que inicialmente o bebé vai construindo esse conjunto de conhecimentos, atribuições e expectativas em relação à figura que habitualmente lhe presta cuidados (Ainsworth et al., 1978; Weinfield et al., 1999 cit. por Castro, 2009).

A avaliação da vinculação remete principalmente para a avaliação da segurança dos comportamentos de vinculação. Como fazem notar Solomon e George (1999), a segurança da vinculação não pode ser diretamente observada mas apenas inferida daquilo que se pode observar. Dessa forma as medidas de avaliação da vinculação diferem em termos da etapa desenvolvimental a que se dirigem, mas também em função do domínio e fonte de avaliação, conceptualização da vinculação e objetivo da avaliação (Castro, 2009).

De uma forma geral é possível afirmar que independentemente do domínio de avaliação apresentam, no geral, boas características em termos de fidelidade e validade para avaliação da vinculação na infância e adolescência. No entanto, apesar de os estudos efetuados com a maior parte das medidas de autoavaliação da vinculação terem demonstrado a sua fidelidade, não existem dados disponíveis acerca das suas relações com outras medidas da segurança da vinculação e a

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

maior parte destas medidas não permite uma avaliação categorial da vinculação (Carvalho, 2007).

1.1- Relação com as figuras de vinculação ao longo da infância e adolescência

A vinculação é a base sobre a qual a saúde emocional, as relações sociais e a visão de mundo são construídas (Ponizovsky & Drannikov, 2013.) A capacidade de confiar e formar relações recíprocas com o cuidador primário afetará a saúde emocional e a segurança da criança, bem como o desenvolvimento da criança e as futuras relações interpessoais (Ponizovsky & Drannikov, 2013.)

O desenvolvimento da vinculação é conceptualizado como um processo contínuo, não só na infância mas, também, na adolescência. De acordo com Bowlby (1979), o principal determinante do percurso desenvolvimental do comportamento de vinculação de um indivíduo e do padrão no qual esse comportamento se organiza são as experiências com as figuras de vinculação na infância e adolescência (Carvalho, 2007).

À medida que os indivíduos vão avançando na sua trajetória de desenvolvimento, os laços afetivos às figuras parentais persistem, embora sujeitos a transformações. Assiste-se a um alargamento da vinculação a novas relações, o que poderá significar uma reestruturação ou o prolongamento dos modelos internos das relações (Dias, 1999). A família continua a ser considerado o primeiro agente de socialização para a maioria dos indivíduos (Figueiredo, 2009), nesse sentido podemos afirmar que a qualidade da vinculação tem efeitos no desenvolvimento posterior dado que as primeiras relações estabelecidas formam um protótipo das relações que se vão estabelecendo ao longo da vida e ajudam a formar um modelo interno de si e das expectativas acerca dos outros (Carvalho, 2007). Assim sendo, as primeiras relações afetivas podem tornar-se fator de risco ou fator de proteção na trajetória de desenvolvimento dos sujeitos (Figueiredo, 2009).

De acordo com Bowlby (1979), existe uma relação estreita entre as experiências de vinculação durante a infância e a adolescência e a capacidade em estabelecer ligações afetivas mais tarde; neste processo salienta-se o papel dos pais que deverão assumir-se como base segura a partir da qual a criança pode explorar o meio (Figueiredo, 2009). O papel dos pais como primeira figura de vinculação assume assim uma importância acentuada, o estabelecimento destas relações e a perceção que a criança adquire do

conceito de relação irá influenciar experiências de vinculação futuras e a forma como a criança encara as relações.

A relação de vinculação no período escolar continua a ser importante para a segurança e bem-estar da criança. No entanto, a forma como esta relação é estabelecida ou mantida sofre avultadas mudanças em função das sucessivas tarefas e conquistas de desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, características desta etapa (Raikes & Thompson, 2005).

Durante o período escolar, Bowlby (1984) fala-nos de uma diminuição da intensidade do comportamento de vinculação uma vez que os comportamentos de vinculação são exibidos com menor premência e intensidade devido, nomeadamente, ao aumento da autoestima da criança nesta fase (Carvalho, 2007).

Alguns autores defendem que durante o período escolar o sistema comportamental de vinculação se torna mais integrado e generalizado, embora esta ideia não seja consensual. Maysseless (2005) advoga que ocorrerá algum tipo de integração e de generalização ao longo de diferentes relações de vinculação, no entanto este autor questiona até que ponto estes novos relacionamentos se caracterizam como sendo de vinculação, ou se poderão ser apenas laços afetivos, onde operam mecanismos do sistema de vinculação.

No contexto destas relações, que verificam de grande importância no processo de desenvolvimento, podem manifestar-se padrões de comportamento, crenças e sentimentos construídos no contexto da relação com as primeiras figuras de vinculação (Pianta, 1994).

Outro dos agentes da socialização mais importantes ao longo da vida do indivíduo e que contextualiza o seu desenvolvimento, é sem dúvida a escola e os agentes a ela associados (pares e professores) (Díaa, 1999). Segundo Machado (2007) a continuidade na qualidade das vinculações considera não só a influência mais direta das relações familiares, mas passa também a incluir confirmações de outros significativos (e.g. pares e professores). Para além das relações com os pais e outros familiares, a partir do período pré-escolar, as crianças desenvolvem também relações próximas com outros adultos, especialmente com os seus educadores e professores (Figueiredo, 2009). Segundo Montemayor e Hanson (1985), um terço das crianças e adolescentes em idade escolar apontam um adulto inserido no meio escolar, nomeadamente o professor, como figura significativa e sobejamente relevante e influente na sua vida.

A partir do final da infância, as crianças iniciam a procura e manutenção de proximidade com os seus pares (Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005), apesar de, no entanto, continuarem a procurar uma base segura junto dos progenitores (Maysseless, 2005). Nesse sentido, é de esperar que, a partir da adolescência, os comportamentos de vinculação sejam, também, dirigidos a outras

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

figuras como, por exemplo, os pares e os parceiros. Tem também sido sugerido que a relação entre a vinculação e as relações com os pares é mais forte para crianças de idade escolar e adolescentes do que para crianças mais novas (Thompson, 2008);

No contexto destas relações, que verificam de grande importância no processo de desenvolvimento, podem manifestar-se padrões de comportamento, crenças e sentimentos construídos no contexto da relação com as primeiras figuras de vinculação (Pianta, 1994). Muitas vezes, assumem-se como importantes fontes de segurança, afeto e proteção, características atribuídas geralmente às figuras de vinculação (Figueiredo, 2009).

O estabelecimento de relações próximas com os amigos ou com os pares tem vindo a ser apontado como fator essencial no processo de desenvolvimento do indivíduo e é na adolescência que parece assumir particular destaque e importância (Castro, 2009). “Algumas relações de amizade, na medida em que adquirem raízes no tempo e no espaço, tornam-se ligações afetivas, podendo desenvolver uma dimensão de vinculação” (Ainsworth, 1989 cit. por Castro, 2009). A literatura refere o período da adolescência, como oportunidade de excelência para o estabelecimento de novas relações fora do seio familiar, correspondendo a uma etapa da vida onde a revisão dos modelos precoces encontra condições favoráveis (Figueiredo, 2009).

A criação de novas relações de vinculação parece surgir ao longo da infância e adolescência nos diferentes contextos nos quais a criança se vai inserindo. A escola como contexto de desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança torna-se, por esse motivo, um local propício à criação dessas novas relações. Os professores e os pares assumem perante a criança um novo sentimento de proteção, segurança e afeto que permite a proximidade e a formação da relação de vinculação.

2- Qualidade de vida

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define qualidade de vida como a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida considerando o contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele está inserido, e em relação a seus objetivos, suas expectativas, padrões e preocupações. Ainda a OMS ilustra a qualidade de vida como conceito mais genérico, como a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores em que se insere e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL, 1996).

Ribeiro (2003) apresenta várias definições de qualidade de vida: um estado de bem-estar físico, mental e social e não só na

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

ausência de doença ou enfermidade; a percepção subjetiva de satisfação ou felicidade com a vida em domínios importantes para o indivíduo; a diferença entre as expectativas do indivíduo e a sua experiência atual; a percepção do indivíduo face à sua posição na vida em termos do contexto cultural e do sistema de valores a que pertence e em relação aos seus objetivos, expectativas, metas e preocupações; e ainda como a experiência em vez das condições de vida, onde a relação entre as condições objetivas e o estado psicossocial é imperfeita e que, para conhecer a experiência da qualidade de vida, é necessário o recurso direto à descrição do próprio indivíduo sobre o que sente pela sua vida. Todas estas definições envolvem conceitos como o bem-estar, a felicidade, a expectativa e a funcionalidade (Bramston, Chipuer & Pretty, 2005; Bramston, Pretty & Chipuer, 2002).

Rajmil e o grupo Europeu KIDSCREEN (2004) referem que diversos autores sugerem que o conceito de qualidade de vida relacionada com a saúde em crianças e adolescentes não está claramente definido. Uma revisão de literatura levada a cabo pelos autores em instrumentos específicos e genéricos de medida da qualidade de vida relacionada com a saúde, indicou diferenças substanciais nas definições, os domínios eram quase sempre os mesmos mas a forma como eram operacionalizados era distinta (Gaspar & Matos, 2001).

O conceito de qualidade de vida tem vindo a despertar maior interesse da parte dos investigadores última década. Definido como um constructo multidimensional com aplicação e relevância para as pessoas, de todas as faixas etárias, de todas as culturas, estatuto socioeconómico ou localização geográfica. Qualidade de vida relaciona-se com todos os aspetos do bem-estar da pessoa (físico, psicológico e social) e inclui o seu ambiente (Harding, 2001). A qualidade de vida é um conceito mais abrangente do que a saúde, incluindo-a na sua complexidade (Ribeiro, 2002). Duas tendências predominam na área da saúde quanto ao conceito de qualidade de vida: “qualidade de vida como um conceito mais genérico, e qualidade de vida relacionada à saúde” (Soares et al., 2009). Na primeira conceção, qualidade de vida tem um sentido mais amplo, mais genérico. Já o termo qualidade de vida relacionado com a saúde tem um sentido mais restrito, envolve os aspetos mais diretamente associados às doenças ou intervenções em saúde (Soares et al., 2009).

O bem-estar e a qualidade de vida relacionada com a saúde da criança e do adolescente devem ser considerados sob uma perspetiva ecológica que foca múltiplos níveis de análise, a criança, os pais e a família, os pares, a comunidade e a sociedade (Harding, 2001; Nelson et al., 2001). Cummins (2005) defende que a conceptualização da qualidade de vida é fundamentada como um constructo: multidimensional e influenciada por fatores pessoais, ambientais e pela sua interação; tem componentes semelhantes para todas as pessoas; apresenta componentes objetivos e componentes subjetivos; e

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

é influenciada pela autodeterminação, pelos recursos, pelo sentido da vida e pela percepção de pertença.

Desta forma a relação de vinculação, e tudo que dela se pode retirar, possibilita a felicidade, o bem-estar, a sua posição na vida e sistema de valores, o que por sua vez poderá influenciar a qualidade de vida.

A avaliação da qualidade de vida relacionada com a saúde em crianças e adolescentes permite obter o conhecimento necessário ao desenvolvimento de métodos de promoção da qualidade de vida nestes grupos etários. É também, importante, para identificar fatores de risco do bem-estar das crianças e adolescentes possuir um modelo representacional das figuras de vinculação como estando disponíveis para a interação e capazes de proporcionar ajuda e bem-estar (Gaspar & Matos, 2011).

A avaliação da satisfação com a vida é um indicador importante da saúde dos indivíduos e dos grupos sociais que permite a prevenção de distúrbios físicos e psicológicos, e ainda de comportamentos de risco (Fagulha, Duarte e Miranda, 2000). Paralelamente, a insatisfação com a vida constitui um sinal de risco relativamente ocorrência eventual de perturbações (Fagulha, Duarte & Miranda, 2000).

A satisfação com a vida decorre, assim, de uma apreciação de cariz cognitivo a comparação entre a circunstância apreendida pelo indivíduo e os seus padrões pessoais. Quanto menor a discrepância, maior será o grau de satisfação (Costa & McCrae, 1980; Andrews & Robinson, 1991; Lazarus, 1991 cit. por Fagulha, Duarte & Miranda, 2000).

Estudos com adolescentes portugueses mostraram que jovens com uma vinculação segura (índices maiores de comunicação e confiança) reportam maior satisfação com a vida e mais sentimentos de competência pessoal (Machado & Fonseca, 2009). Estudos recentes têm, de facto, reforçado a ideia do papel protetor da vinculação segura ao longo do desenvolvimento, ao mostrar que os adolescentes mais adaptados são os que recorrem aos pais em momentos de dificuldade (e.g. Dias & Fontaine, 2001; Doyle, Moretti, Brendgen & Bukowski, 2003; Laible, 2007; Larose, Bernier & Tarabulsky, 2005); e que tal se continua a verificar no caso dos sujeitos mais velhos.

Objetivos

O primeiro objetivo deste trabalho pode ser definido pela avaliação das propriedades psicométricas da tradução portuguesa das escalas de avaliação da vinculação a pais, pares, e professores (PIML), numa amostra portuguesa, constituída por sujeitos com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos de idade.

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Lúcia Correia (e-mail: luciacorreia91@hotmail.com) 2014

Um segundo objetivo passa pela análise das relações entre as variáveis sexo, idade, qualidade de vida e qualidade da vinculação com os pais, pares e professores em adolescentes de 10,11 e 12 anos.

Mais particularmente, pretendemos avaliar se existem diferenças ao nível da qualidade da vinculação percebida e da qualidade de vida em função do sexo e da idade dos participantes. Adicionalmente, procuramos avaliar se existem associações significativas entre a qualidade da vinculação e a qualidade de vida, por último, procurar-se-á avaliar se a qualidade da vinculação percebida constitui um preditor da qualidade de vida nestes jovens adolescentes.

Hipóteses de Investigação

Tendo em conta os objetivos definidos e a revisão da literatura efetuada elaboraram-se algumas hipóteses que se pretendem investigar no decorrer do presente trabalho.

Relativamente ao primeiro objetivo, foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

H1: As três escalas de vinculação aos pais, pares e professores (PIML – versão portuguesa) apresentarão uma estrutura fatorial semelhante à escala original.

H2: As escalas de vinculação aos pais, pares e professores (PIML) e respetivas subescalas apresentarão boa consistência interna.

H3: As três escalas do PIML e respetivas subescalas correlacionar-se-ão de forma significativa entre si, contribuindo para a avaliação do mesmo constructo, isto é, a vinculação.

No que diz respeito ao segundo objetivo colocamos as seguintes hipóteses:

H1: A perceção da qualidade de vida correlaciona-se, significativamente, com a perceção da qualidade da vinculação, ou seja quanto maior a qualidade da vinculação maior a perceção da qualidade de vida.

H2: A perceção da qualidade de vida correlaciona-se, significativamente, com a perceção da qualidade da vinculação aos pais.

H3: A perceção da qualidade de vida correlaciona-se, significativamente, com a perceção da qualidade da vinculação aos pares.

H4: A perceção da qualidade de vida correlaciona-se, significativamente, com a perceção da qualidade da vinculação aos professores.

H5: Existem diferenças, estatisticamente significativas, na perceção de qualidade de vinculação aos pais, pares e professores consoante a idade dos sujeitos.

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

H6: Existem diferenças, estatisticamente significativas, na percepção de qualidade de vinculação aos pais, pares e professores em função do sexo dos sujeitos.

Metodologia

Participantes

A amostra é composta por 334 crianças de diferentes regiões de Portugal Continental. De entre as mesmas, 172 são do sexo feminino e 162 do sexo masculino. As idades estão compreendidas entre os 10 e os 12 anos, formando uma média de 10.89 (DP = 0.749). Quanto à frequência de idade: 114 crianças têm 10 anos; 143 têm 11 anos; e 77 têm 12 anos.

Instrumentos

People in my life (PIML). Este instrumento deriva do *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA; Armsden & Greenberg, 1987), o qual visa avaliar as percepções de adolescentes acerca de relações de vinculação. O PIML (Cook, Greenberg, & Kusche, 1995) procura avaliar as percepções de crianças com idades entre os 10 e os 12 anos sobre as suas relações com pais, pares, professores, escola e zona de habitação. Trata-se de uma medida de autorrelato, cujas respostas são dadas numa escala Likert de 4 pontos: nunca ou quase nunca verdade (1); às vezes verdade (2); frequentemente verdade (3); e quase sempre ou sempre verdade (4). Assim, maiores pontuações indicam maiores níveis de medida. O PIML é composto por várias escalas: na avaliação da percepção da qualidade de vinculação aos pais e na avaliação da percepção da qualidade de vinculação aos pares incluem-se as dimensões “Confiança”, “Comunicação” e “Alienação”; na avaliação da percepção da qualidade de vinculação à escola contemplam-se as dimensões “Ligação à escola”, “Afiliação com os professores”, “Insatisfação com os professores” e “Perigosidade da escola”; na avaliação da percepção da qualidade da vinculação à zona de habitação incluem-se as dimensões “Zona de habitação positiva” e “Perigosidade da zona de habitação”. Foram encontrados coeficientes de consistência interna aceitáveis no estudo original (Cook, Greenberg, & Kusche, 1995),

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

com o alfa de Cronbach a variar entre .63 e .92. No presente estudo utilizaram-se apenas as seguintes: Pais – Confiança (10 itens), Comunicação (5 itens) e Alienação (5 itens); Pares – Confiança (12 itens), Comunicação (5 itens) e Alienação (7 itens); e Professores - Afiliação (8 itens) e Insatisfação (3 itens).

KIDSCREEN-10 (Aventura Social e Saúde 2006 – Estudo Internacional). O KIDSCREEN-52© é um instrumento que avalia dez dimensões da qualidade de vida de crianças ou adolescentes e dos seus pais (bem-estar físico; bem-estar psicológico; humores e emoções; autopercepção; autonomia; relação com os pais e ambiente familiar; recursos financeiros; apoio social e pares; ambiente escolar; e aceitação social e *bullying*). No presente estudo foi utilizado o KIDSCREEN-10© (The KIDSCREEN Group Europe, 2006; Ravens-Sieberer et al., 2001 cit in Matos, Gaspar, & Simões, 2012), apenas para crianças e adolescentes, o qual constitui uma versão reduzida do KIDSCREEN-52© com 10 itens que avaliam a Qualidade de Vida relacionada com a Saúde. Com referência à última semana, as respostas são dadas numa escala *Likert* de 5 pontos, que varia entre “nada” e “totalmente”. Um valor baixo reflete sentimento de infelicidade, insatisfação e desadequação face aos diversos contextos da vida, como a família, grupo de pares e escola. Um valor elevado revela uma sensação de felicidade, percepção de adequação e satisfação com os contextos. Este instrumento foi adaptado para o contexto português, tendo revelado bons índices de ajustamento considerando uma só dimensão e uma consistência interna aceitável, com um alfa de Cronbach de 0.78 (Matos et al., 2012).

Procedimentos

Antes de iniciar a passagem do protocolo, os encarregados de educação das crianças foram informados acerca da natureza e dos objetivos do estudo, e foi assegurado o caráter voluntário da sua participação e a confidencialidade dos dados. Após a obtenção do consentimento informado, os questionários foram respondidos na sala de aula (aproximadamente durante 30 minutos) na presença de um professor e de um investigador, os quais asseguraram o esclarecimento de dúvidas e o correto preenchimento dos instrumentos.

Uma vez que não se conhecem estudos de adaptação do PIML para o contexto português, analisámos as seguintes propriedades

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

psicométricas desta medida: i. Validade de constructo mediante uma análise fatorial exploratória (de modo a observar se os itens se distribuíam de acordo com as subescalas originais), complementada por uma análise das correlações entre as subescalas; ii. Consistência interna através do cálculo do alfa de Cronbach. Quanto a este último, geralmente é considerado um mínimo de .70 como apropriado (Kaplan & Saccuzzo, 1982), no entanto, um alfa de .60 pode também ser encarado como aceitável (Murphy & Davidshofer, 1988) se os resultados forem interpretados em função do contexto do estudo (DeVellis, 1991).

Com o intuito de analisar se existem diferenças ao nível da qualidade da vinculação percecionada (avaliada pelo PIML) e da qualidade de vida (avaliada pelo KIDSCREEN10) em função do sexo e da idade dos participantes, efetuaram-se testes de diferenças entre grupos. Com o objetivo de avaliar a existência de associações significativas entre a qualidade da vinculação percecionada (PIML) e a qualidade de vida (KIDSCREEN10) realizaram-se correlações. Por último, com o intuito de avaliar se a qualidade da vinculação percecionada (PIML) constitui um preditor da qualidade de vida (KIDSCREEN10), efetuaram-se regressões. As análises descritas foram feitas considerando a pontuação total do PIML, as pontuações das escalas (pais pares e professores) e as das dimensões/subescalas.

A análise dos dados foi realizada através da utilização do IBM SPSS Statistics 20 (IBM Corp, 2011).

Resultados

Na realização das análises fatoriais exploratórias, começou-se por incluir apenas os itens relativos à escala “Pais”. Seguidamente incluíram-se somente os itens referentes à escala “Pares”. Por último, apenas os relativos à escala “Professores”. Utilizou-se sempre o método de extração de componentes principais com rotação varimax. Só foram pedidos os pesos fatoriais iguais ou superiores a .3. Nas três situações, a fatoriabilidade da matriz de correlações foi considerada assegurada perante o seguinte: i. determinante diferente de zero (Green, 1976), ii. Kaiser-Meyer-Olkin (Kaiser, 1974) igual ou superior a .60; iii. teste de esfericidade de Bartlett (Bartlett, 1950) estatisticamente significativo ($p < .05$).

Quanto aos resultados, observou-se que os itens referentes à escala “Pais” se distribuíram por cinco fatores (valores próprios iguais

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

ou superiores a 1). Contudo, uma vez que de acordo com o instrumento original (Cook, Greenberg, & Kusche, 1995) têm sido utilizadas três subescalas (Confiança, Comunicação e Alienação), corremos nova análise fatorial exploratória forçando três fatores. Os resultados são apresentados na tabela 1. Como se pode constatar, apesar dos itens referentes à subescala “Alienação” se terem agrupado no mesmo fator, os itens relativos às subescalas “Confiança” e “Comunicação” não apresentaram uma distribuição que seguisse as subescalas originais.

No que diz respeito à distribuição dos itens da escala “Pares”, encontraram-se também cinco fatores (valores próprios iguais ou superiores a 1). Pelo mesmo motivo referido anteriormente, forçaram-se três fatores. Os resultados são apresentados na tabela 1. Como se pode observar, apesar dos itens referentes à subescala “Alienação” saturarem juntos no mesmo fator, os itens relativos às subescalas “Confiança” e “Comunicação” não evidenciaram uma distribuição de acordo com as subescalas originais. Adicionalmente, o último item do fator “Alienação” apresenta um peso fatorial negativo (não devido a questões de recodificação), o que significa que varia em ordem inversa aos restantes que se encontram no mesmo fator.

No que concerne à distribuição dos itens referentes aos “Professores”, encontraram-se três fatores (valores próprios iguais ou superiores a 1), contrastando com os dois que seriam expectáveis de acordo com as subescalas utilizadas. Pela razão explicitada anteriormente, forçaram-se dois fatores. Neste caso, os itens distribuíram-se de acordo com as subescalas originais. Os resultados são apresentados na tabela 1.

Tabela 1. Matriz da estrutura com extração *Componentes principais*, valores próprios e percentagem total de variância explicada

Itens	Fatores		
	1	2	3
Pais			
Eu partilho os meus pensamentos e sentimentos com os meus pais.	.69		
Quando estou com um problema falo com os meus pais sobre ele.	.68		
Os meus pais ouvem o que tenho para dizer.	.67		
Posso contar com os meus pais para me ajudarem quando tenho um problema.	.58	.31	
Os meus pais orgulham-se das coisas que eu faço.	.57		
Se os meus pais notam que algo me está a incomodar, eles perguntam-me sobre isso.	.56		

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Os meus pais conseguem notar quando estou chateado(a) com alguma coisa.	.56		
Os meus pais compreendem-me.	.55	.31	
Os meus pais respeitam os meus sentimentos.	.54	.47	
Dou-me bem com os meus pais.	.40	.32	
A minha casa é um bom sítio para viver.		.65	
Os meus pais preocupam-se comigo.		.63	
Eu confio nos meus pais.		.60	
Os meus pais aceitam-me tal como eu sou.	.36	.57	
Os meus pais dão-me atenção.	.47	.56	
Sinto-me assustado quando estou em casa.			.73
Eu sinto raiva quando estou com os meus pais.			.69
Chateio-me facilmente com os meus pais.	.39		.59
É difícil para mim falar com os meus pais.			.55
Os meus pais não entendem pelo que estou a passar atualmente.	.32		.50
% Variância	6.10	1.74	1.34
Val. Próprios	30.52	8.69	6.70
Pares			
Os meus amigos compreendem-me.	.72		
Os meus amigos aceitam-me tal como eu sou.	.71		
Dou-me bem com os meus amigos.	.68		
Os meus amigos respeitam os meus sentimentos.	.66		
Gosto de estar com os meus amigos.	.65		
Posso contar com os meus amigos para me ajudarem quando tenho um problema.	.63	.39	
Os meus amigos preocupam-se comigo.	.63	.43	
Os meus amigos ouvem o que tenho para dizer.	.59	.34	
Eu confio nos meus amigos.	.57		
Os meus amigos dão-me atenção.	.49	.43	
Quando estou com um problema falo com os meus amigos sobre ele.			.74
Se os meus amigos notam que algo me está a incomodar, eles perguntam-me sobre isso.			.71
Eu partilho os meus pensamentos e sentimentos com os meus amigos.			.69
Os meus amigos conseguem notar quando estou chateado(a) com alguma coisa.			.69
Os meus amigos orgulham-se das coisas que eu faço.	.40	.55	
Ter bons resultados nas escola é importante para os meus amigos.		.49	
Os meus pais gostam e aprovam os meus amigos.		.43	
Eu sinto raiva quando estou com os meus amigos.			.69
É difícil para mim falar com os meus amigos.			.67
Sinto-me assustado quando estou com os meus amigos.			.63
Chateio-me facilmente com os meus amigos.			.60
Penso que os meus amigos são uma má influência para mim.	.31		.52

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Os meus amigos não entendem pelo que estou a passar atualmente.			.35
Gostava de ter mais amigos.			-.32
% Variância	7.46	2.16	1.32
Val. Próprios	31.09	8.98	5.49
Professores			
Os meus professores compreendem-me.	.84		
Os meus professores respeitam os meus sentimentos.	.80		
Eu confio nos meus professores.	.78		
Os meus professores dão-me muita atenção.	.76		
Gosto dos meus professores deste ano.	.70		
Os meus professores orgulham-se das coisas que eu faço.	.69		
Dou-me bem com os meus professores.	.55		
Há um(a) professor(a) na minha escola com quem posso contar quando tenho um problema.	.32		
Eu sinto raiva quando estou com os meus professores.		.83	
Chateio-me facilmente com os meus professores.		.81	
É difícil para mim falar com os meus professores.		.53	
% Variância	4.37	1.38	
Val. Próprios	39.76	12.53	

Apesar de só se ter obtido uma distribuição dos itens próxima da original no que se refere às subescalas “Professores”, considerou-se pertinente agrupar os itens das subescalas “Pais” e “Pares” também de acordo com a distribuição original (Cook, Greenberg, & Kusche, 1995), dada a maior sustentação teórica e empírica. Esta decisão é também suportada pelo facto da maioria dos itens ter um peso fatorial acima de .30 no fator que seria expectável de acordo com as subescalas originais.

Seguidamente, procedeu-se à análise da consistência interna calculando o alfa de Cronbach (α) para as escalas e subescalas. No geral tanto as escalas como as subescalas evidenciaram valores de alfa aceitáveis. As correlações entre cada item e o total foram superiores .2, com a exceção do último item da subescala “Pares-Alienação”, o qual apresentou uma correlação com o total baixa e negativa, para além de levar a um aumento considerável do valor de alfa quando retirado. Tendo em conta estes resultados, assim como o peso fatorial negativo deste item na análise fatorial exploratória, sugere-se a sua exclusão nas análises seguintes. Um outro item que aumentaria o alfa se retirado corresponde ao último da subescala “Insatisfação com os professores”. Porém, considera-se pertinente mantê-lo, dado que se correlacionou positivamente com o total (mesmo que próximo do

limiar) e que apresentou um peso fatorial elevado na análise fatorial exploratória. Os resultados são apresentados na tabela 2.

Tabela 2. Consistência interna das subescalas

Items	Correlação com o total da subescala	Alfa sem o item
Total ($\alpha=.92$)		
Pais ($\alpha=.86$)		
Confiança ($\alpha=.83$)		
Os meus pais respeitam os meus sentimentos.	.62	.80
Os meus pais aceitam-me tal como eu sou.	.57	.80
Os meus pais preocupam-se comigo.	.51	.81
Eu confio nos meus pais.	.47	.81
A minha casa é um bom sítio para viver.	.43	.82
Os meus pais dão-me atenção.	.60	.80
Dou-me bem com os meus pais.	.44	.82
Os meus pais orgulham-se das coisas que eu faço.	.50	.81
Os meus pais compreendem-me.	.54	.81
Posso contar com os meus pais para me ajudarem quando tenho um problema.	.52	.81
Comunicação ($\alpha=.74$)		
Os meus pais ouvem o que tenho para dizer.	.50	.70
Os meus pais conseguem notar quando estou chateado(a) com alguma coisa.	.47	.71
Quando estou com um problema falo com os meus pais sobre ele.	.60	.65
Se os meus pais notam que algo me está a incomodar, eles perguntam-me sobre isso.	.45	.71
Eu partilho os meus pensamentos e sentimentos com os meus pais.	.52	.69
Alienação ($\alpha=.61$)		
Os meus pais não entendem pelo que estou a passar atualmente.	.32	.61
Chateio-me facilmente com os meus pais.	.41	.53
Eu sinto raiva quando estou com os meus pais.	.46	.56
É difícil para mim falar com os meus pais.	.39	.54
Sinto-me assustado quando estou em casa.	.38	.56
Pares ($\alpha=.89$)		
Confiança ($\alpha=.86$)		
Os meus amigos respeitam os meus sentimentos.	.65	.87
Os meus amigos ouvem o que tenho para dizer.	.63	.88

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Os meus amigos aceitam-me tal como eu sou.	.67	.87
Os meus amigos compreendem-me.	.70	.87
Os meus amigos preocupam-se comigo.	.71	.87
Eu confio nos meus amigos.	.52	.88
Posso contar com os meus amigos para me ajudarem quando tenho um problema.	.65	.87
Gosto de estar com os meus amigos.	.48	.89
Os meus amigos dão-me atenção.	.60	.88
Dou-me bem com os meus amigos.	.53	.88
Os meus amigos orgulham-se das coisas que eu faço.	.60	.88
Os meus pais gostam e aprovam os meus amigos.	.40	.89

Comunicação ($\alpha=.75$)

Os meus amigos conseguem notar quando estou chateado(a) com alguma coisa.	.55	.70
Quando estou com um problema falo com os meus amigos sobre ele.	.65	.66
Se os meus amigos notam que algo me está a incomodar, eles perguntam-me sobre isso.	.55	.70
Eu partilho os meus pensamentos e sentimentos com os meus amigos.	.58	.69
Ter bons resultados nas escola é importante para os meus amigos.	.30	.79

Alienação ($\alpha=.51$)

Os meus amigos não entendem pelo que estou a passar atualmente.	.19	.50
Chateio-me facilmente com os meus amigos.	.40	.39
Eu sinto raiva quando estou com os meus amigos.	.45	.41
É difícil para mim falar com os meus amigos.	.40	.40
Sinto-me assustado quando estou com os meus amigos.	.36	.44
Penso que os meus amigos são uma má influência para mim.	.34	.43
Gostava de ter mais amigos.	-.12	.65

Professores ($\alpha=.82$)

Afiliação com professores ($\alpha=.84$)

Gosto dos meus professores deste ano.	.60	.82
Os meus professores respeitam os meus sentimentos.	.69	.81
Os meus professores compreendem-me.	.74	.80
Eu confio nos meus professores.	.70	.81
Os meus professores dão-me muita atenção.	.65	.81
Dou-me bem com os meus professores.	.47	.83
Os meus professores orgulham-se das coisas que eu faço.	.59	.82
Há um(a) professor(a) na minha escola com quem posso contar quando tenho um problema.	.25	.87

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Insatisfação com os professores ($\alpha=.57$)

Chateio-me facilmente com os meus professores.	.46	.35
Eu sinto raiva quando estou com os meus professores.	.48	.34
É difícil para mim falar com os meus professores.	.24	.72

Seguidamente, avaliou-se se as subescalas do PIML estavam ou não correlacionadas entre si. Os resultados são apresentados na tabela 3, juntamente com medidas descritivas (média e desvio-padrão). Todas as subescalas pertencentes à mesma escala correlacionaram-se positiva e significativamente. Entre subescalas pertencentes a escalas distintas também se observaram correlações positivas e significativas com exceção das subescalas Pares – Comunicação e Professores – Insatisfação. Os totais das escalas também apareceram correlacionados positivamente. Perante este último resultado, incluíram-se todos os itens em simultâneo do PIML (das escalas pais, pares e professores) e calculou-se a média, a qual foi de 183.42 (DP=18.82).

Tabela 3 – Correlações entre as subescalas do PIML, médias e desvios padrões

Medidas	M	DP	2	3	4	5	6	7	8	10	11
1. Pais Conf.	37.2	3.48	.71*	.38*	.44*	.34*	.19*	.41*	.17*		
8				
2. Pais Comun.	16.7	2.71		.38*	.42*	.46*	.16*	.37*	.18*		
7					
3. Pais Alien.	16.9	2.76			.30*	.22*	.47*	.21*	.37*		
5						
4. Pares Conf.	40.7	5.92				.63*	.46*	.42*	.23*		
3							
5. Pares Comun.	14.7	3.43					.21*	.32*		.10	
9							.	.			
6. Pares Alien.	20.5	3.07						.14*	.44*		
4									.		
7. Prof. Afilia.	26.1	4.82							.34*		
0									.		
8. Prof. Insatis.	10.2	1.93									
5											
9. Pais Total	71.0	7.31								.52*	.44*
0		1								.	.
10. Pares Total	76.0	10.1									.43*
7		5									.
11. Prof. Total	36.3	5.76									
6											

Nota. ** p<.001; *p<.05

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Teste de diferenças entre grupos

Considerando a amostra total, a pontuação do KIDSCREEN10 apresentou uma média de 32.15 (DP=5.73) e um alfa de Cronbach de .78.

Antes de se proceder ao teste das diferenças em função do sexo e da idade, verificou-se que as várias pontuações do PILM e do KIDSCREEN10 não apresentaram uma distribuição aproximadamente normal ao longo dos grupos (testes de Shapiro-Wilk e de Kolmogorov-Smirnov $p < .05$). Por esta razão, optou-se por conduzir o teste t de Student e o teste não paramétrico Mann-Whitney no caso do sexo, e anova *one-way* e o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis no caso da idade (3 grupos). Neste caso, são reportados os níveis de significância obtidos atendendo à estatística não paramétrica. Os resultados são apresentados na tabela 4. Como se pode constatar, as raparigas apresentaram uma média significativamente superior aos rapazes em quase todas as medidas de vinculação contempladas, excetuando as subescalas Pares-alienação e Professores-insatisfação. Não se encontraram diferenças na pontuação do KIDSCREEN10 em função do sexo. Adicionalmente, não se verificaram diferenças em função da idade em qualquer uma das medidas.

Tabela 4. Diferenças ao nível das pontuações das medidas em função do sexo e da idade

Medidas	Sexo				T
	Rapazes		Raparigas		
	M	DP	M	DP	
Pais Conf.	36.78	3.90	37.74	2.97	-2.557*
Pais Comun.	16.41	2.90	17.10	2.49	-2.340*
Pais Alien.	16.64	2.75	17.25	2.73	-2.019*
Pares Conf.	40.01	6.17	41.40	5.62	-2.155*
Pares Comum	14.02	3.67	15.52	3.02	-4.096**
Pares Alien.	20.44	2.89	20.64	3.24	-.610
Prof. Afilia.	25.42	4.99	26.74	4.57	-2.508*
Prof. Insatis.	10.06	2.05	10.44	1.80	-1.775

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Pais Total	69.83	7.87	72.10	6.58	-2.859*
Pares Total	74.47	10.04	77.57	10.05	-2.816*
Prof. Total	35.49	5.99	37.17	5.43	-2.698*
PIML Total	179.79	18.65	186.84	18.38	-3.477**
KIDSCREEN10	31.89	5.93	32.39	5.55	-.804

	Idade						F
	10		11		12		
	M	DP	M	DP	M	DP	
Pais Conf.	37.22	3.44	37.47	3.32	37.00	3.84	.474
Pais Comun.	16.65	2.82	16.92	2.54	16.66	2.90	.383
Pais Alien.	16.90	2.78	17.11	2.42	16.74	3.28	.479
Pares Conf.	40.88	5.88	40.27	6.32	41.36	5.19	.905
Pares Comum	14.75	3.33	14.74	3.39	14.97	3.67	.137
Pares Alien.	20.56	3.13	20.45	3.15	20.70	2.86	.167
Prof. Afilia.	25.87	5.02	26.42	4.40	25.86	5.26	.543
Prof. Insatis.	10.23	1.85	10.34	1.85	10.13	2.20	.318
Pais Total	70.77	7.27	71.50	6.91	70.40	8.10	.641
Pares Total	76.18	9.96	75.46	10.73	77.04	9.33	.616
Prof. Total	36.10	5.87	36.76	5.30	35.99	6.43	.627
PIML Total	183.05	18.92	183.71	18.71	183.42	19.11	.039
KIDSCREEN10	32.13	5.88	32.78	5.28	31.00	6.21	2.442

Nota. *p<.05; **p<.001

Quanto à avaliação de correlações entre as pontuações do PIML e a pontuação do KIDSCREEN, começou-se pela realização de correlações de Pearson. Os resultados são apresentados na tabela 5. Todas as associações foram significativamente positivas (p<.001).
Tabela 5 – Correlações de Pearson entre as pontuações do PIML e do KIDSCREEN10

Medidas	KIDSCREEN10
Pais Conf.	.51**
Pais Comun.	.51**
Pais Alien.	.42**
Pares Conf.	.52**
Pares Comum.	.32**
Pares Alien.	.36**
Prof. Afilia.	.37**
Prof. Insatis.	.29**

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Pais Total	.59**
Pares Total	.52**
Prof. Total	.41**
PIML Total	.63**

Nota. **p<.001

Na análise de regressão foram incluídas a pontuação do KIDSCREEN10 como variável critério e as pontuações do PIML como variáveis predictoras. Como utilizaram diversas pontuações do PIML, levaram-se a cabo diferentes análises de regressão, de modo a cumprir o pressuposto da singularidade: primeiro, foram inseridas as subescalas; segundo, as escalas pais, pares e escola; e terceiro, o PIML Total.

Na análise em que se consideraram as subescalas foram cumpridos os seguintes pressupostos: i. Independência das observações, uma vez que o valor de Durbin-Watson assumiu um valor entre 1 e 3; ii. Ausência de multicolinearidade, dado que os valores de tolerância são superiores a .1 e do VIF inferiores a 4; iii. Ausência de outliers – apesar do valor de Cook’s Distance não ter ultrapassado 1, foram removidos dois participantes da análise cujos valores de *standardized residual* superaram o intervalo [-3, +3]; iv. Normalidade, homocedasticidade, linearidade e independência dos residuais ao nível da variável dependente, através da inspeção visual de gráficos (histograma e *normal P-P plot of regression standardized residual*). Os resultados são apresentados na tabela 6. A maioria das subescalas prediz significativamente e positivamente (β positivos e $p<.05$) a qualidade de vida medida pelo KIDSCREEN10. Mais particularmente, uma maior confiança e comunicação com os pais, uma menor alienação face aos mesmos e uma maior confiança com os pares pareceu predizer uma maior qualidade de vida. Porém, a subescala Pares-Comunicação predisse negativa e marginalmente (β negativo e $p<.10$), o que indica que quando se consideram todas as subescalas, uma maior comunicação com os pares prediz (marginalmente) uma menor qualidade de vida. Adicionalmente, as subescalas Pares-alienação, Professores-afiliação e Professores-insatisfação não predisseram a qualidade de vida. Atendendo ao valor de R^2 Ajustado, as dimensões relativas à qualidade da vinculação (medidas pelo PIML) explicaram cerca de 47% da variância da qualidade de vida (medida pelo KIDSCREEN).

Na análise em que se consideraram as escalas do PIML (pais, pares e professores) foram cumpridos os pressupostos referidos anteriormente. Quanto aos outliers, foram removidos três participantes cujos valores de *standardized residual* superaram o intervalo [-3, +3]. Os resultados são apresentados na tabela 6. Os totais relativos às escalas Pais e Pares do PIML predisseram significativa e positivamente (β positivo e $p<.001$) a qualidade de vida medida pelo

KIDSCREEN10. O total relativo aos Professores predisse marginal e positivamente (β positivo e $p < .10$) a qualidade de vida. Tal sugere que quanto mais elevada a qualidade das relações de vinculação com os pais, pares e professores mais elevada é a qualidade de vida reportada. Atendendo ao valor de R^2 Ajustado, a qualidade das relações de vinculação com pais, pares e professores (escalas medidas pelo PIML) explicou cerca de 47% da variância da qualidade de vida (medida pelo KIDSCREEN).

Na terceira análise em que se inseriu a pontuação total do PIML foram cumpridos os pressupostos referidos anteriormente. Quanto aos outliers, foram removidos dois participantes cujos valores de *standardized residual* superaram o intervalo [-3, +3]. Os resultados são mostrados na tabela 6. A pontuação total do PIML apareceu associada positiva e significativamente com a pontuação do KIDSCREEN (β positivo e $p < .001$), sugerindo que o aumento na primeira leva a um aumento na segunda. Atendendo ao valor de R^2 Ajustado, a qualidade da vinculação, considerada como um total (avaliado pelo PIML), explicou cerca de 44% da variância da percepção da qualidade de vida (medida pelo KIDSCREEN).

Tabela 6. Regressões lineares com a variável critério KIDSCREEN10

Subescalas	B	T
Constante	-8.664	
Pais Conf.	.339	3.382**
Pais Comun.	.345	2.669**
Pais Alien.	.276	2.710**
Pares Conf.	.334	5.688***
Pares Comum.	-.150	-1.667*
Pares Alien.	.143	1.461
Prof. Afilia.	.071	1.233
Prof. Insatis.	.151	1.069
Modelo	F(8.331)=37.740***	
R^2 Ajustado	.470	
Escalas	B	t
Constante	-7.247	
Pais Total	.324	8.533***
ParesTotal	.178	6.505***
Prof.Total	.080	1.723*
Modelo	F(3.330)=97.447***	
R^2 Ajustado	.467	
Total	B	t
Constante	-4634	
PIML total	.201	16.139***
Modelo	F(1,331)=260.467***	

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

 R^2 Ajustado .439

 Nota. * $p < .10$ ** $p < .05$; *** $p < .001$

Por último, tendo em conta que se encontraram diferenças ao nível da qualidade das relações de vinculação em função do sexo, considerou-se relevante avaliar um possível efeito de moderação entre estas duas variáveis ao nível da perceção da qualidade de vida. Isto é, procurou-se explorar se a relação entre a qualidade da vinculação e a perceção qualidade de vida era ou não similar em rapazes e raparigas. Tal foi também feito recorrendo a análises de regressão. Nesta etapa, incluíram-se apenas os totais das escalas e do PIML, dado permitir uma interpretação dos dados mais acessível. Os resultados são mostrados na tabela 7.

Na análise em que se incluíram as escalas do PIML (pais, pares e professores) foram cumpridos os pressupostos referidos anteriormente (após serem centradas as variáveis intervalares, como forma de evitar diagnóstico de multicolinearidade). Constatou-se uma interação significativa ($p < .05$) entre a escala Pais e a variável sexo da criança ao nível da qualidade de vida. Tendo em conta que os rapazes foram codificados com o valor 0 na base de dados e as raparigas com o valor 1, pode dizer-se, com base no valor positivo de B, o seguinte: nas raparigas parece haver um aumento mais acentuado da perceção da qualidade de vida à medida que aumenta a qualidade da relação de vinculação com os pais, comparativamente aos rapazes. Neste modelo, atendendo ao valor de R^2 Ajustado, foi explicada cerca de 42% da variância da qualidade de vida.

Na análise em que se contemplou o total do PIML foram cumpridos os pressupostos referidos anteriormente. Em termos de resultados, não se observou uma interação significativa entre esta variável e o sexo ao nível da qualidade de vida.

Tabela 7. Regressões lineares considerando efeitos de moderação e a variável critério KIDSCREEN10

Escalas	B	Erro-Padrão	T
Constante	-4.264	3.392	
Sexo	-.912	.4807	-1.871*
Pais Total	.242	.053	4.576***
Pares Total	.165	.039	4.200***
Prof. Total	.197	.064	3.087**
Pais Total*Sexo	.171	.081	2.101**

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

Pares Total*Sexo	-.025	.059	-.423
Prof. Total*Sexo	-.151	.098	-1.534
<hr/>			
Modelo	F(7,333)=35.402***		
<hr/>			
R ² Ajustado	.420		
<hr/>			
Total	B	Erro-Padrão	T
<hr/>			
Constante	-3.706	3.394	
Sexo	-.883	.495	-1.782*
PIML total	.198	.019	10.544***
PIMLtotal*Sexo	-.002	.026	-.080
<hr/>			
Modelo	F(3,333)=74.804***		
<hr/>			
R ² Ajustado	.399		

Nota. *p<.10 **p<.05; ***p<.001

Discussão

No presente estudo começou-se a análise dos dados pela avaliação de algumas propriedades psicométricas relativas ao instrumento de medida *People in my life* (PIML; Cook, Greenberg, & Kusche, 1995) no contexto de uma amostra portuguesa com crianças, cujas idades variavam entre os 10 e os 12 anos de idade. Utilizando uma análise fatorial exploratória observou-se que os itens originalmente pertencentes às dimensões Confiança e Comunicação, tanto da escala Pais como da escala Pares, agruparam-se em dois fatores (após se terem forçado três fatores), mas não seguiram a distribuição que estaria de acordo com as subescalas originais. Apenas os itens originalmente pertencentes à dimensão Alienação se agruparam no mesmo fator (tanto no que se refere à Pais como à escala Pares). Quanto aos professores, os itens originalmente pertencentes às dimensões Afiliação e Insatisfação agruparam-se de acordo com as mesmas (após se terem forçado dois fatores). Perante os resultados obtidos, não se pode afirmar que a validade de constructo tenha sido inteiramente suportada, o qual salienta a utilidade da realização de mais estudos portugueses neste campo. Atendendo ao referido, optou-se por continuar as análises seguindo antes a organização original dos itens (isto é, em função das dimensões referidas), dada a maior sustentação teórica e empírica.

De seguida, avaliou-se a consistência interna do instrumento mediante o cálculo do alfa de Cronbach, tendo-se obtido valores satisfatórios. No entanto, verificou-se que um item (“gostava de ter mais amigos”),

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na perceção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

da dimensão Alienação da escala Pares, apresentou uma correlação negativa com o total da escala e fazia subir o alfa de Cronbach quando retirado (para além de ter apresentado um peso fatorial negativo na análise fatorial exploratória). Por estes motivos, sugeriu-se a sua remoção. A este respeito pode especular-se que uma relação de vinculação com os pares caracterizada por alienação pode levar a uma menor vontade de ter mais amigos se a criança acreditar que encontrará um padrão relacional semelhante. Pela mesma razão, uma relação de vinculação com os pares caracterizada por ausência de alienação pode levar a uma menor vontade de ter mais amigos.

Ainda no âmbito da avaliação das propriedades psicométricas relativas ao instrumento em foco, foram encontradas correlações positivas e significativas entre as subescalas e entre as escalas (pais, amigos e pares) do PIML, com apenas uma exceção: ausência de correlação entre a subescala relativa à qualidade da comunicação com os pares e a subescala relativa à insatisfação com os professores. Perante estes resultados, saiu apoiada a utilização de pontuações totais - em termos de escalas (pais, pares e professores) e/ou de uma pontuação total do PIML.

Futuramente seria importante avaliar as seguintes propriedades psicométricas relativas à medida: i. fiabilidade em termos de tempo, conduzindo um teste-reteste com poucas semanas de intervalo; ii. validade convergente, avaliando a existência de correlações positivas entre a medida em foco e outras que avaliam constructos no âmbito da vinculação; iii. validade divergente, analisando se o instrumento não apresenta pontuações altamente correlacionadas com outros testes desenvolvidos para medir constructos teoricamente diferentes; e, iv. validade concorrente, avaliando a existência de correlações positivas entre a medida e outros constructos presumivelmente relacionados. Quanto a este último ponto, tendo em conta que a literatura aponta para associações positivas entre a qualidade das relações de vinculação e a qualidade de vida (e.g. Machado & Fonseca, 2009), o que também foi encontrado no presente estudo, pode considerar-se que o mesmo contribui para a sustentação da validade concorrente do PIML.

Quanto às restantes análises efetuaram-se testes de diferenças entre grupos em função do sexo e da idade. Observou-se que as raparigas pontuaram significativamente mais do que os rapazes em muitas das pontuações referentes à percepção qualidade das relações de vinculação. Tal pode eventualmente ligar-se a construções sociais no domínio do género: por exemplo, enquanto nas raparigas pode ser mais incentivado ou valorizado o investimento nas relações interpessoais e no cuidado dos outros, nos rapazes pode ser antes reforçado o controlo emocional (Mahalik et al., 2003; Mahalik et al., 2005). Por sua vez, não se registaram diferenças entre sexos ao nível da qualidade de vida. Porém, constatou-se um efeito de moderação entre o sexo e a percepção da qualidade da relação de vinculação com

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

os pais, tendo-se registado um aumento mais acentuado da percepção da qualidade de vida em função da percepção da qualidade da relação de vinculação com os pais nas raparigas. Estes resultados podem ser importantes no desenvolvimento de intervenções no âmbito da promoção da qualidade das relações de vinculação e/ou da qualidade de vida, uma vez que sugerem a pertinência de incluir uma perspectiva que tenha em conta o género.

Relativamente à idade, não se observaram diferenças significativas ao nível da qualidade das relações de vinculação nem ao nível da qualidade de vida. Tal é expectável dada a proximidade das idades contempladas (10, 11 e 12 anos) e dado o facto de que todas as crianças avaliadas se encontravam no mesmo ciclo de escolaridade (no presente estudo todas frequentavam o 2º ciclo). Além disso, no âmbito do desenvolvimento do PIML (Cook, Greenberg, & Kusche, 1995), construído para esta faixa etária, não se anteveram diferenças ao nível destas idades.

As análises de regressão sugerem que as pontuações do PIML explicavam entre 43% e 47% da variância da pontuação do KIDSCREEN10, o que constitui um valor elevado. Mais particularmente, na análise de regressão onde se incluíram todas as subescalas do PIML, verificou-se que uma maior confiança e comunicação com os pais, uma menor alienação face aos mesmos e uma maior confiança com os pares pareceu predizer uma maior qualidade de vida. Porém, a comunicação com os pares predisse negativamente (embora de forma marginal) uma menor qualidade de vida. Adicionalmente, as subescalas Pares-Alienação, Professores-Afiliação e Professores-Insatisfação não predisseram a qualidade de vida. Estes resultados podem ser importantes no desenvolvimento de intervenções destinadas a promover a qualidade de vida de crianças, enfatizando a importância de investir nas dimensões confiança e comunicação relativamente aos pais e aos pares, e na redução da alienação face aos pais.

As análises de regressão onde foram inseridas quer as escalas - pais, pares e professores- quer a pontuação total do PIML constatou-se uma predição significativa e positiva da qualidade de vida por parte de todas as variáveis. Tal sugere a relevância de incluir as figuras de vinculação referidas em análises e intervenções futuras dirigidas à promoção da qualidade de vida. Indo de encontro ao referido no enquadramento teórico, durante a infância e a adolescência as relações de vinculação não se resumem aos familiares diretos, passando também a incluir outros significativos, como os pares e os professores (Guedeney, 2004; Machado, 2007; Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005).

Os resultados descritos reforçam a noção de que a qualidade das relações de vinculação pode predizer significativamente a qualidade de vida de crianças com idade entre os 10 e os 12 anos de idade. Tal vai de encontro ao encontrado noutros estudos portugueses com

A influência da qualidade de vinculação a figuras significativas na percepção de qualidade de vida de crianças entre os 10 e 12 anos.

adolescentes: os que evidenciavam uma vinculação segura (índices maiores de comunicação e confiança) reportavam maior satisfação com a vida e mais sentimentos de competência pessoal (Machado & Fonseca, 2009). Adicionalmente, estudos recentes têm sustentado a ideia de que a vinculação segura tem um papel protetor ao longo do desenvolvimento, ao mostrar que os adolescentes mais adaptados são os que recorrem aos pais em momentos de dificuldade (e.g. Dias & Fontaine, 2001; Doyle, Moretti, Brendgen & Bukowski, 2003; Laible, 2007; Larose, Bernier & Tarabulsky, 2005).

No que concerne às contribuições do presente trabalho, os resultados obtidos acerca da relação entre a qualidade das relações de vinculação e a qualidade de vida podem favorecer a identificação de fatores de risco ao nível do bem-estar das crianças. Neste sentido, alertam para a importância da disponibilidade das figuras de vinculação em termos de interação e capacidade de proporcionar ajuda e bem-estar (Gaspar & Matos, 2011). Tal é particularmente relevante quando se constata que os fatores relacionados com a qualidade de vida podem prevenir distúrbios físicos e psicológicos, e comportamentos de risco (Fagulha, Duarte & Miranda, 2000). Por fim, importa enfatizar que o investimento na compreensão e promoção da qualidade das relações de vinculação pode ter um impacto não só na qualidade de vida atual das crianças, como no percurso desenvolvimental dos indivíduos (Carvalho, 2007).

Conclusões

Os resultados obtidos no presente estudo revelam, através da análise da fiabilidade e validade, boas características psicométricas, o que demonstra ser um instrumento adaptado a crianças portuguesas com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. Desta forma, podemos afirmar que a versão portuguesa do PIML é um método de autorrelato válido e que permite avaliar a qualidade de vinculação a pais, pares e professores, através da análise das perceções das crianças. Sugere-se no entanto a realização de mais estudos que tornem as hipóteses colocadas mais fiáveis, e/ou possibilitem a descoberta de outras hipóteses que não foram avaliadas. Por exemplo, seria interessante avaliar o PIML com outras medidas utilizadas para avaliar a qualidade da vinculação, através da análise da validade divergente, uma vez que o presente estudo apenas teve em conta medidas de análise convergente. Uma outra sugestão seria a realização de estudos que envolvessem outros fatores de influência da perceção de vinculação. Desta forma, é elementar a continuação de estudos que envolvam esta temática e outras temáticas que possam por ela ser influenciadas.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S. (1969). *Maternal sensitivity scales*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, W., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427–454.
- Bartlett, M. S. (1950). Tests of significance in factor analysis. *British Journal of Psychology*, 3, 77–85.
- Bowlbly, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bowlbly, J. (1984). *Apego e perda: Vol. 2. Separação: Angústia e raiva*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bowlbly, J. (1999). *Vínculos afetivos: Formación, desarrollo y pérdida*. Madrid: Ediciones Morata. Tercera Edición.
- Canavarro, M. (1999). *Relações Afetivas e Saúde Mental*. Coimbra: Quarteto.
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento da informação: implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência*. Tese de Doutorado - Área de Conhecimento de Psicologia Clínica. Universidade do Minho.
- Castro, T. (2009). *Relações de vinculação, temperamento e perturbações de internalização e externalização na infância e adolescência*. Dissertação de mestrado (área de conhecimento de Psicologia Clínica) Universidade do Minho
- Cook, E. T., Greenberg, M. T., & Kusche, C. A. (1995, Março). *People in my life: Attachment relationships in middle childhood*. Paper presented at the Society for Research in Child Development, Indianapolis, IN.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16, 297-334.

- Guedeney, A. & Guedeney, N. (2004). *Vinculação – conceitos e aplicações*. Climepsi. Lisboa
- DeVellis, R. F. (1991). *Scale development: Theory and applications*. Newbury Park, CA: SAGE Publications.
- Dias, J. (1999). *A Problemática da Relação Família/Escola e a Criança com Necessidades Educativas Especias*. Secretariado nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência.
- Fagulha, T., Duarte, M., & Miranda, M. (2004). A “qualidade de vida: uma dimensão psicológica”. *Psychologica*, 25, 5-17.
- Green, P. E. (1976). *Mathematical tools for applied multivariate analysis*. New York: Academic Press.
- Kaiser, H. F. (1974). An index of factorial simplicity. *Psychometrika*, 39, 31-36.
- Kaplan, R., & Saccuzzo, D. (1982). *Psychological testing: Principles, applications and issues*. Monterey, CA: Brooks/Cole Publishing Company.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 5-28.
- Machado, T. S. & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: O estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, VI (1), XXX, 97-116.
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C., (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: será significativa a relação com os pais? *INFAD Revista de Psicologia/International Journal of Developmental and Educational Psychology I* (3), 461-468.
- Mahalik, J. R., Locke, B. D., Ludlow, L. H., Diemer, M. A., Gottfried, M., Scott, R. P., & Freitas, G. (2003). Development of the Conformity to Masculine Norms Inventory. *Psychology of Men & Masculinity*, 4(1), 3-25.
- Mahalik, J. R., Morray, E. B., Coonerty-Femiano, A., Ludlow, L. H., Slattery, S. M., & Smiler, A. (2005). Development of the conformity to feminine norms inventory. *Sex Roles*, 52, 417-435.
- Marvin, R. S. & Britner, P. A. (1999). Normative Development: The Ontogeny of Attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver, *Handbook of*

Attachment: Theory, Research and Clinical Applications. (pp. 44-67). New York: Guilford Press.

Matos, M. G., Gaspar, T., & Simões, C. (2012). Health-Related Quality of Life in Portuguese Children and Adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 230-237.

Mayseless, O. (2005). Ontogeny of attachment in middle childhood: Conceptualization of normative changes. In K. A. Kerns, & R. A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 1 - 23). NY: The Guilford Press.

Montemayor, R. & Hanson, E. (1985). A naturalistic view of conflict between adolescents and their parents and siblings. *Journal of Early Adolescence*. Vol. 5, 23-30.

Murphy, K. R., & Davidshofer, C. O. (1988). *Psychological testing: Principles and applications*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

Ponizovsky, A., Drannikov, A. (2013) *Contribution of attachment insecurity to health-related*

quality of life in depressed patients. World J Psychiatry. 3(2): 41–49.

Pianta, R. (1996). *The Student Teacher Relationship Scale*. Manuscrito não publicado.

Charlottesville, VA: Universidade da Virgínia.

Pianta, R. C. (1998). *Enhancing relationships between children and teachers*. Washington, DC: American psychological Association.

Raikes, H. A. & Thompson, R. A. (2005). Relationships Past, Present, and Future: Reflections on Attachment in Middle Childhood: In K. A. Kerns & R. A. Richardson (Eds.), *Attachment in Middle Childhood* (pp. 71-88). New York: Guilford Press.

Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (pp. 15-45).

Solomon, J. & George Carol (1999). *Attachment Disorganization*. The Guilford Press. New York.

Soufre, L. A. Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. A. (2005b). Placing early attachment experiences in developmental context: The Minnesota Longitudinal Study. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, &

E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 48-70). New York: Guilford Press. d clinical implications. NY: Guilford Press. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Thompson, R. A. (2008). Early attachment and later development. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment. Theory, research, and clinical applications* (pp. 348-365). 2th ed., New York: Guilford Press.

Vieira, F. (2008). *Avaliação da representação das relações íntimas, comportamento diádico e percepção da vinculação : estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado em Psicologia - Área de Especialização em Psicologia Clínica. Universidade do Minho.

World Health Organization Quality Of Life Assessment Group (1996). *What is Quality of Life?* World Health Organization Quality Of Life Assessment (WHOQOL): World Health Forum.

Anexos

DECLARAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO

Exmo. Senhor Pároco da freguesia de Junqueira

Eu, Lúcia Correia, a realizar a Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Promoção do Desenvolvimento, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Teresa Sousa Machado, venho solicitar a Vossa Excelência permissão para a aplicação de três questionários a alunos com idades compreendidas entre os dez e os doze anos, nas aulas de catequese dos 5º e 6º ano.

A investigação em curso tem como objetivo o estudo da relação entre a perceção de vinculação (a pais, pares e professores) na qualidade de vida das crianças, em crianças portuguesas, com idades compreendidas entre os dez e os doze anos.

A relação de vinculação é compreendida numa perspetiva de ciclo de vida, sendo essencial para a segurança e bem-estar da criança, mesmo depois da primeira infância. No entanto, estudos sobre a vinculação em idades como as requeridas nesta investigação são escassos, mas necessários para uma melhor compreensão dos fenómenos sugeridos pela teoria da vinculação, daí a importância da sua colaboração para a realização deste estudo. Para tal pretendemos aplicar uma escala que avalie a vinculação da criança a pais, pares e professores (57 itens), juntamente com dois breves questionários relativos aos problemas de comportamento e à satisfação com a vida (10 itens cada um).

Após o consentimento informado dos respetivos Encarregados de Educação, propõe-se a realização de uma única sessão, com a duração de cerca de trinta minutos para a explicação e aplicação dos instrumentos referidos. O cumprimento das normas éticas que presidem este tipo de investigação será assegurado, nomeadamente o consentimento informado, a confidencialidade dos dados e a colaboração voluntária e anónima dos participantes.

Estarei ao inteiro dispor para quaisquer esclarecimentos relativos às informações aqui prestadas¹.

Agradeço desde já a sua atenção e colaboração.

Coimbra, ____ de _____ de 2014

(Lúcia Marina Henriques Correia)

(Prof.^a Dr.^a Teresa Sousa Machado –
Investigadora responsável – FPCE-UC)

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, Pároco da freguesia de Junqueira, abaixo assino e declaro que compreendi a explicação que me foi fornecida relativamente ao estudo em questão e tomei conhecimento dos objetivos e do método previsto, autorizando que a recolha de amostra para a investigação se efetue nas aulas de catequese.

(O Pároco da freguesia de Junqueira)

¹ E-mail: luciacorreia@hotmail.com;

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Exmo.(a) Senhor(a) Encarregado(a) de Educação

Eu, Lúcia Correia, aluna da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, venho por este meio solicitar a participação de V.Ex.^a e do(a) seu (sua) educando(a) numa investigação científica. Esta ocorre no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Promoção do Desenvolvimento, cujo objeto de estudo é a relação entre a perceção de vinculação (a pais, pares e professores) e a qualidade de vida, em crianças portuguesas com idades compreendidas entre os dez e os doze anos.

A relação de vinculação é compreendida numa perspetiva de ciclo de vida, sendo essencial para a segurança e bem-estar da criança, mesmo depois da primeira infância. No entanto, estudos sobre a vinculação em idades como as requeridas nesta investigação são escassos, mas necessários para uma melhor compreensão dos fenómenos sugeridos pela teoria da vinculação, daí a importância da sua colaboração para a realização deste estudo.

A recolha de dados envolve a participação do(a) seu (sua) educando(a), consistindo no preenchimento voluntário e anónimo de três questionários, aplicados em contexto de catequese sem qualquer implicação ou consequência negativa para a criança. O preenchimento dos questionários durará cerca de trinta minutos.

Os dados obtidos com a aplicação destes instrumentos serão utilizados unicamente em termos estatísticos e no âmbito da presente investigação, garantindo total confidencialidade e anonimato.

Agradeço desde já a sua colaboração e do(a) seu(sua) educando(a), estando ao inteiro dispor para eventuais esclarecimentos relativos às informações aqui dispostas¹.

Coimbra, ____ de _____ de 2014

(Lúcia Marina Henriques Correia)

(Prof.^a Dr.^a Teresa Sousa Machado –
Investigadora responsável – FPCE-UC)

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, Encarregado(a) de Educação do(a) aluno(a) _____, declaro que compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo em questão, tomei conhecimento dos objetivos e métodos previstos e autorizo o(a) meu(minha) educando(a) a participar nesta investigação.

(O(a) Encarregado(a) de Educação)

¹ E-mail: luciacorreia91@hotmail.com;

DECLARAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO

Exma. Senhora Diretora do Colégio Rainha Santa Isabel

Eu, Lúcia Correia, a realizar a Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Promoção do Desenvolvimento, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Teresa Sousa Machado, venho solicitar a Vossa Excelência permissão para a aplicação de três questionários a alunos com idades compreendidas entre os dez e os doze anos, no Colégio Rainha Santa Isabel.

A investigação em curso tem como objetivo o estudo da relação entre a perceção de vinculação (a pais, pares e professores) na qualidade de vida das crianças, em crianças portuguesas, com idades compreendidas entre os dez e os doze anos.

A relação de vinculação é compreendida numa perspetiva de ciclo de vida, sendo essencial para a segurança e bem-estar da criança, mesmo depois da primeira infância. No entanto, estudos sobre a vinculação em idades como as requeridas nesta investigação são escassos, mas necessários para uma melhor compreensão dos fenómenos sugeridos pela teoria da vinculação, daí a importância da sua colaboração para a realização deste estudo. Para tal pretendemos aplicar uma escala que avalie a vinculação da criança a pais, pares e professores (57 itens), juntamente com dois breves questionários relativos aos problemas de comportamento e à satisfação com a vida (10 itens cada um).

Após o consentimento informado dos respetivos Encarregados de Educação, propõe-se a realização de uma única sessão, com cada turma, com a duração de cerca de trinta minutos para a explicação e aplicação dos instrumentos referidos. O cumprimento das normas éticas que presidem este tipo de investigação será assegurado, nomeadamente o consentimento informado, a confidencialidade dos dados e a colaboração voluntária e anónima dos participantes.

Estarei ao inteiro dispor para quaisquer esclarecimentos relativos às informações aqui prestadas¹.

Agradeço desde já a sua atenção e colaboração.

Coimbra, ____ de _____ de 2014

(Lúcia Marina Henriques Correia)

(Prof.^a Dr.^a Teresa Sousa Machado –
Investigadora responsável – FPCE-UC)

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, Presidente do Colégio Rainha Santa Isabel, abaixo assino e declaro que compreendi a explicação que me foi fornecida relativamente ao estudo em questão e tomei conhecimento dos objetivos e do método previsto, autorizando que a recolha de amostra para a investigação se efetue no Colégio Rainha Santa Isabel.

(A Presidente do Colégio Rainha Santa Isabel)

¹ E-mail: luciacorreia@hotmail.com;

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Exmo.(a) Senhor(a) Encarregado(a) de Educação

Eu, Lúcia Correia, aluna da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, venho por este meio solicitar a participação de V.Ex.^a e do(a) seu (sua) educando(a) numa investigação científica. Esta ocorre no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Promoção do Desenvolvimento, cujo objeto de estudo é a relação entre a perceção de vinculação (a pais, pares e professores) e a qualidade de vida, em crianças portuguesas com idades compreendidas entre os dez e os doze anos.

A relação de vinculação é compreendida numa perspetiva de ciclo de vida, sendo essencial para a segurança e bem-estar da criança, mesmo depois da primeira infância. No entanto, estudos sobre a vinculação em idades como as requeridas nesta investigação são escassos, mas necessários para uma melhor compreensão dos fenómenos sugeridos pela teoria da vinculação, daí a importância da sua colaboração para a realização deste estudo.

A recolha de dados envolve a participação do(a) seu (sua) educando(a), os dados obtidos com a aplicação destes instrumentos serão utilizados unicamente em termos estatísticos e no âmbito da presente investigação, garantindo total confidencialidade e anonimato.

Agradeço desde já a sua colaboração e do(a) seu(sua) educando(a), estando ao inteiro dispor para eventuais esclarecimentos relativos às informações aqui dispostas¹.

Coimbra, ____ de _____ de 2014

(Lúcia Marina Henriques Correia)

(Prof.^a Dr.^a Teresa Sousa Machado –
Investigadora responsável – FPCE-UC)

¹ E-mail: luciacorreia91@hotmail.com;

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, Encarregado(a) de Educação do(a) aluno(a) _____, declaro que compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo em questão, tomei conhecimento dos objetivos e métodos previstos e autorizo o(a) meu(minha) educando(a) a participar nesta investigação.

(O(a) Encarregado(a) de Educação)
